

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINE NATALE MELQUIADES ROOKE

MISTÉRIOS DE MARIANA

Produto Jornalístico

Mariana

2017

CAROLINE NATALE MELQUIADES ROOKE

MISTÉRIOS DE MARIANA

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof.º Dr.º. José Benedito Donadon Leal

Mariana

2017

R777m Rooke, Caroline Natale Melquiades
Mistérios de Mariana [recurso eletrônico] / Caroline
Natale Melquiades Rooke .-Mariana, MG, 2017.
1 CD-ROM; 4 3/4 pol..

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social, DECSO/ICSA/UPOP

1. Exploração e viagens - Teses - Geografia - Mariana
(MG). 2. Mariana (MG) - História - Teses. 3. MEM.
4. Monografia. I.Donadon-Leal, José Benedito. II.Universidade
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social. III.Versão impressa. IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 94
: 15
: (815.1)
: 1418947

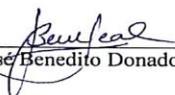
Caroline Natale Melquiades Rooke

Curso de Jornalismo – UFOP

MISTÉRIOS DE MARIANA

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. José Benedito Donadon-Leal.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Benedito Donadon-Leal



Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração



Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares

Mariana, 18 de agosto de 2017.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Lauro, que me auxiliou em várias abordagens inclusive nas idas a lugares distantes e muitas vezes perigosos, além do apoio constante em sempre persistir.

À minha mãe que com toda dificuldade e limitação sempre me apoiou, incentivando com palavras amorosas.

Às minhas tias que, mesmo longe, sempre quando a palavra era estudo, se pronunciavam em me apoiar, acreditando no meu potencial e crescimento.

Às fontes que conheci durante as apurações, muitas destas se tornaram meus amigos, me proporcionando momentos inesquecíveis de felicidade, conhecimento e aprendizado.

As pessoas que, mesmo não sabendo, me auxiliaram de alguma forma para o enriquecimento desse trabalho.

À todos vocês deixo o meu muito obrigada.

Escreva o que se quer ler!

Pepe Escobar

RESUMO

O livro Mistérios de Mariana revela objetos históricos que existem na cidade de Mariana, porém alguns são desconhecidos ou pouco conhecidos. O trajeto da produção foi através da descrição de relatos de conhecedores da história da cidade, com questionamentos sobre a história oficial e entrevistas com moradores da cidade. O intuito foi reunir em um único livro objetos com idade igual ou superior a 300 anos que existem ou existiram em Mariana, para torná-los parte da memória cultural da cidade.

Palavras-chave: Mariana; Mistérios de Mariana; Minas Gerias; Segredos de Mariana e Exploração.

ABSTRACT

The book Mysteries of Mariana reveal object histories that exist in the town of Mariana. Among this objects some are unknown and others little known. The unfolding realized was through of the description of the narrative of people who knowing the history of the city, with questions about the stories already existing and interviews with the residents of the city and who know of own history. The intent was to get together in one only book objects with age equal or superior the 300 years old that have Mariana, that becomes part of memory the culture of the town.

Keywords: Mariana; Mariana Mysteries; Minas Gerais; Secrets of Mariana and Exploration.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 PESQUISA	10
2.1 Escolha dos objetos	12
3 APURAÇÃO	13
3.1 Entrevistas	15
3.2 Produção dos Conteúdos	16
3.3 Documentos e autorizações	18
4 PROJETO GRÁFICO	18
4.1 Produção da Capa	18
4.2 Produção do contexto	19
5 APRENDIZADOS	20
6 REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Este livro Mistérios de Mariana é um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, como formato de produto abordou sobre os monumentos que não possuem visibilidade da cidade de Mariana – MG. Como uma obra literária, o formato do livro sem classificação exata percorre por livro reportagem, didático, além de possuir um conteúdo para consulta de pesquisadores, historiadores e outros.

A cidade de Mariana completou 321 anos em 16 de julho de 2017. Este trabalho buscou selecionar os objetos históricos com idade maior ou igual à 300 anos que existem ou existiram na cidade, através de narrativas dos conhecedores da sua história.

O tema da pesquisa surgiu através de uma conversa com uma historiadora que era fonte de outro trabalho e em seus relatos foi encontrada a oportunidade desta investigação. HUNTER (2003) descreve que existem três formas de selecionar uma história para ser investigada, que são: “Uma maneira é observar a mídia geral, é uma boa ideia monitorar um setor específico, para que você comece a identificar padrões e, assim, notar quando algo de incomum ocorre”, “Outra maneira é prestar atenção àquilo que está mudando no seu ambiente, e não aceitá-lo como algo dado” e “Uma terceira maneira é ouvir a reclamação das pessoas”. Foi dessa forma que a investigação sobre os Mistérios de Mariana tomou forma.

Por que mistérios? Encontram-se indícios de coisas que supostamente existiram, e das quais não sobraram nem vestígios, de coisas que existiram e das quais só sobraram ruínas ou fragmentos. As coisas, das mesmas, só existem na memória de alguns com uma fantasia de uma existência perdida. Daí, mistérios.

A partir do relato da historiadora, a investigação foi iniciada em busca de objetos que marcaram a existência de edificações não catalogadas pela história, que de alguma forma marcaram momentos importantes da construção da cidade e da sociedade marianense. Foi preciso restringir a escolha do tema para que cada objeto fosse melhor explorado dentro das informações encontradas.

A busca pelas informações foi realizada através de entrevistas, livros, artigos, placas informativas próximas aos objetos e internet. Ao descrever as narrativas das entrevistas a autora HALBWACHS (1990) se fez presente no recorte de Memória Coletiva, em que muitos acontecimentos são “A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas”.

A narrativa de cada entrevista se tornou única na composição dos capítulos do livro em que foi possível reunir em um único espaço relatos de objetos e coisas que aconteceram que não haviam sido descritos, divulgados ou explorados.

História, descobrimento, memória, segredos, mistérios, essas e tantas outras palavras descrevem o que já existiu em Mariana e ainda persiste. Foram tantas coisas que se perderam e outras ainda insistem em se perder. “Mas um acontecimento não toma lugar na série dos fatos históricos senão algum tempo depois que se produziu” (HALBWACHS. 1990. p. 56).

Depois de mais de três centenários foi possível contextualizar algumas memórias que estavam antes somente no conhecimento individual de cada fonte. E a partir dessa investigação elas podem ser compartilhadas, assim como Halbwachs descreveu que o acontecimento dos fatos só pode existir depois que este já não está mais no presente, se tornou passado. E BLOCH (1997) afirmou que “Na linguagem corrente, “presente” quer dizer passado recente”.

Contar a história de Mariana é narrar a epopeia da construção desse lugar, observando os indícios ainda existentes. É contar sobre objetos que existiram e/ou persistem e, sobretudo estão na memória de cada fonte que compartilhou sobre o seu conhecimento da história desses objetos que foram ou são monumentos. De qualquer forma, constituem o patrimônio histórico, cultural e artístico da cidade.

As fontes foram encontradas em sua maioria por indicações de outras fontes, o que foi um facilitador ao conquistar a confiança para obter os depoimentos sobre o conhecimento de cada objeto. Alguns locais foram de difícil acesso, o que foi preciso também a indicação de outra pessoa para que lá pudessemos chegar.

Algumas respostas geravam dúvidas, o que fazia com que a pesquisa se tornasse infundável. Foi preciso obter distanciamento dos argumentos, selecionar os mais coesos e colocar um ponto final, para não prolongar em assuntos desnecessários para temática do livro.

A partir dos depoimentos dos entrevistados construiu-se a narrativa sobre seus pontos de vista e o que se conhece e sabe de tal lugar, junto a algumas provas como vestígios, fotos, documentos, quando esses se fizeram presente, pois não foi possível obter provas para todos os lugares citados.

Assim o livro traz uma abordagem diferente daquilo que já fora mostrado por outros autores, com ponto de vista mais voltado para o questionamento sobre o descaso, desconhecimento, a falta de cuidado, o desleixo e falta de apego aos monumentos nele apresentados.

Esta história faz parte da memória, e essa interface se faz presente a todo o momento no livro, junto ao conhecimento aqui apresentado que sempre tenta abordar de forma esclarecedora como o pensar faz parte de qualquer época e o conhecimento deve ser compartilhado, para que cada leitor possa tirar suas próprias conclusões e pensar no que poderia ser melhor para o lugar em que vive através da história que “(...) é a ciência do passado” (BLOCH. 1997. p. 47).

2 PESQUISA

Ao iniciar a pesquisa deve-se ter um planejamento de caminhos que se desejam ser percorridos para obter os resultados. No caso desse produto o trajeto traçado foi baseado em um livro de reportagem. Mas no decorrer da criação deste produto os materiais encontrados na pesquisa é que direcionaram o resultado final de formato e outros.

O objeto de pesquisa escolhido buscou encontrar patrimônios e monumentos com idade igual ou maior de 300 anos de existência em Mariana. E se iniciou através de depoimentos dos entrevistados, leituras de livros, leituras de documentos antigos com mais de 200 anos, leituras de panfletos, jornais, banners, folders, artigos e folhas avulsas sem locais que as identificasse. Na definição de HUNTER (2003) na investigação de dados é possível observar que “O material está por toda parte”, e:

Obter um documento não é o mesmo que entendê-lo. A linguagem dos relatórios oficiais no setor público ou privado é frequentemente bem particular, e requer interpretação. Isso se aplica às fontes abertas, que são tão diversificadas quanto os relatórios anuais ou as minutas das reuniões (HUNTER. 2003. p. 37).

Ao ter tido acesso a documentos é importante os compreendê-lo. Na pesquisa do livro, os documentos de maior importância para história já haviam sido traduzidos por historiadores que precisaram relatar seu conteúdo. Esta pesquisa foi atrás de outras leituras com o intuito de encontrar novas provas; porém, sem êxito, pois não havia novas provas nos documentos.

Os processos de produção foram longos e “De todo modo, o presente que buscamos jamais conhecemos inteiramente” (SANTOS. 2011. p. 58). Descrevem-se aí perfeitamente as frustrações de não encontrar novas pistas concretas, somente suposições sobre os acontecimentos narrados pelas fontes.

Na fase pré-produção os processos de busca foram com as perguntas: o que quero falar? Qual será minha abordagem? E como falar de algo de que sua leitura é dura, para deixá-la interessante? Nesses casos, as maiores dificuldades não foram em abordar sobre tais assuntos, pois o maior obstáculo foi encontrar informações acessíveis sobre os objetos de estudo.

Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário. O entorno vivido é o lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual (SANTOS. 2011. p. 137).

A troca de informações foi importante durante a pesquisa, pois havia fontes que desconheciam alguns objetos que foram citados nas entrevistas. Percebendo esse desconhecimento, cada fonte foi citada somente nas revelações dos monumentos que conheciam.

Escolher os objetos que estariam no livro, foi minucioso e detalhista, para que nenhum ficasse de fora. Dos escolhidos 11 tiveram informações suficientes para ter um capítulo completo, outros 5 foram inseridos em outro capítulo, por terem poucos dados.

A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido através do próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é o cimento (SANTOS. 2011. p. 138).

No início da pesquisa a intenção era falar sobre os monumentos de mais de 300 anos da cidade de Mariana e de seus distritos. Mas foram encontrados monumentos sobre os quais não há qualquer informações, sejam oficiais, sejam de memória. Então foi preciso selecionar os objetos de estudo mais próximos e entender a inviabilidade de obter transporte para ir até os lugares e continuar a investigação sobre cada monumento.

Toda pesquisa precisa de apuração, entendimento do material que foi recolhido, tempo de decupagem, tempo para escrever, revisar e compreender se conseguiu transmitir a mensagem. É preciso fazer escolhas sobre o que devem ser inseridos no livro, e nessa seleção, muitos itens são excluídos como no caso dessa pesquisa. BLOCH (1997) diz que “O historiador, já o dissemos, não estuda o presente com a esperança de nele descobrir a exata reprodução do passado. Busca nele simplesmente os meios de melhor compreender, de melhor senti-lo”.

Com isso, foi com o princípio de BLOCH que foram escolhidos e selecionados os objetos que mais poderiam se interligar, fazendo melhor menção ao passado. Dentro do tema, monumentos que estão deixados à margem do conhecimento das pessoas, tornaram-se objeto da pesquisa.

2.1 Escolha dos objetos

O recorte foi feito dentro do objeto de pesquisa do livro que eram os monumentos ou patrimônios que possuem idade igual ou superior a de 300 anos. O objetivo foi falar de monumentos que são desconhecidos ou descuidados com o intuito de propagar sua existência e porque não a resistência de longos anos, sofrendo ações do tempo.

HALBWACHS (1990) descreve mais sobre o recorte de pesquisa, “Todo quadro tem, com efeito, uma moldura, mas não há qualquer relação necessária e estreita entre uma coisa e outra, e a moldura não pode evocar o quadro”. O que se subentende que a moldura não irá definir o tipo de conteúdo que será exibido somente será um complemento.

Antes mesmo de escolher quais objetos seriam descritos no livro, foi realizado um painel com todos os monumentos citados em que era catalogada cada nova informação descoberta, fosse ela provinda de entrevistas, livros ou qualquer outro material de pesquisa.

A seleção foi um processo natural, após a catalogação dos objetos que se enquadravam no tema dos monumentos com idade igual a 300 anos ou mais. A clivagem facilitou na intensidade da pesquisa específica sobre os 16 objetos escolhidos, que, quando definidos, permitiram uma facilidade maior nas construções da escrita no livro e criações de diálogos entre alguns capítulos.

O único monumento que possui 300 anos em Mariana que não foi selecionado foi a Igreja da Sé. Os motivos foram: é um monumento valorizado, com apontamentos de estudos já realizados e estava em reforma durante o período de pesquisa o que atrasaria o desenvolvimento do cronograma.

Embora 9 distritos mapeados tivessem possíveis monumentos adequados à pesquisa, estes não foram investigados pelas restrições temporais e de logística para produção deste livro. O potencial existe e pode ser objeto de investigações futuras.

A escolha em narrar sobre tantos objetos foi pelo motivo de incluir os monumentos que fizeram parte da construção histórica da cidade, mas não tem o mesmo valor na atualidade. E antes que estes objetos se percam, ou seja, sejam destruídos de alguma forma, abordar esse tema é permitir que sua existência continue ainda que só registrada no livro.

3 APURAÇÃO

No início de qualquer apuração buscam-se as fontes oficiais de acordo com as demandas do que se precisa. E nesse produto houve liberdade de pesquisa, pelo formato do livro, podendo este ser fragmentado.

O sentido de se fazer esse procedimento é encontrar dados para completar a pesquisa, o resultado é o produto, mas antes desse processo, têm-se a busca por dados que se encaixem no objeto do livro. CERTAU (1990) diz: “Retornam lembranças pessoais, lugares desses mutismos na memória”, ou seja, encontrar informações para se produzir um livro é retornar a memória, seja ela coletiva ou individual.

O processo de apuração pode ser comparado ao mundo de descobertas infundáveis, pois quanto mais perguntas se faziam, mais demandas eram geradas. Por isso é preciso colocar um limite no que se deseja encontrar e definir a cada oportunidade, cada objeto que se quer estudar, como foi o caso dessa pesquisa.

A história que quiser tratar dos detalhes dos fatos, torna-se erudita e erudição é condição de apenas uma minoria. Se ela se limita, ao contrário, a conservar a imagem do passado que possa ainda ter seu lugar na memória coletiva de hoje, ela apenas retém dela aquilo que ainda interessa às nossas sociedades, isto é, em resumo, bem pouca coisa” (HALBWACHS. 2011. p. 80).

No começo da pesquisa não houve limites. Todas as informações e qualquer fonte que era indicada, tornavam-se objeto de apuração, para descobrir mais informações e conseguir qualquer material que pudesse estar adequado à pesquisa. Mas depois das primeiras fases em que foi experimentado como funcionavam os métodos práticos de apuração é que foram limitados e direcionados os conteúdos apresentados.

As relações de pertencimento, entendimento e claro conhecimento foram estabelecidos de acordo com as narrativas e HALBWACHS (1990) descreveu claramente que “Certamente, um dos objetivos da história pode ser, exatamente, lançar uma ponte entre o passado e o presente, e restabelecer essa continuidade interrompida”.

As relações estabelecidas entre o passado e o presente formaram o “(...) passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória” (HALBWACHS. 2011. p. 70). E a memória foi algo muito trabalhado nos relatos, pois foi através dela que os entrevistados puderam contextualizar o conhecimento que possuíam sobre cada monumento questionado durante as entrevistas.

Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu; do físico, que, retido no quarto pela gripe, só conhece os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de um laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente “indireto”. Que haja nessas observações uma parte de verdade, ninguém pensará em negá-lo. Elas exigem no entanto, serem sensivelmente nuançadas” (BLOCH. 1997. p. 64).

A apuração pode ser também imprevisível, às vezes se sai a campo para as entrevistas com uma meta ou uma idealização e quando está no local outras situações podem surgir, colaborando para improvisos, que podem ter resultados melhores do que o esperados ou não. Na apuração do livro, dentre as 22 fontes que estão nas páginas como entrevistados, em cerca de 50% houve imprevistos e improvisos, tiveram momentos em que foi preparado um tipo de entrevista com determinadas perguntas e no decorrer da conversa elas se alternaram.

Portanto, os resultados de todo contexto do livro dependeram de uma boa apuração e de conseguir atingir fontes que seriam boas contribuintes para pesquisa. As fontes foram escolhidas por indicações de outras fontes que acreditaram que suas indicações teriam as respostas para os monumentos em questão.

3.1 Entrevistas

A escolha dos entrevistados depende muito do tema de pesquisa, como tema do livro está relacionado muito com a história, pessoas que são denominadas como historiadores, professores de história, conhecedores das histórias e estudantes também foram selecionados para narrarem sobre seus conhecimentos dos objetos.

Não deixa de ser menos verdade que, face à imensa e confusa realidade, o historiador é necessariamente levado a nela recortar o ponto de aplicação particular de suas ferramentas; em consequência, a nela fazer uma escolha que, muito claramente, não é a mesma que a do biólogo, por exemplo, que será propriamente uma escolha de um historiador (BLOCH. 1997. p. 47).

Na escolha teórica de como entrevistar e de que forma perguntar e obter as informações necessárias para o trabalho foi utilizado como método o modelo investigativo de HUNTER (2003) com ensinamentos práticos no seu livro: Um Manual para Jornalistas Investigativos.

Na parte prática ao buscar por historiadores e outras fontes, obtive muitos “não”, ou nenhuma resposta, uma reação marcante foi de um professor de História de uma Universidade Federal que foi rude por e-mail, não querendo dar entrevista sobre qualquer que fosse o tema. Já em outros casos algumas pessoas foram muito agradáveis e educadas, imediatamente respondendo mensagens, agendando entrevistas, abrindo mão de seus compromissos em prol de contribuir com a pesquisa.

Além dos historiadores como fontes, também selecionei moradores de Mariana que conhecem bem a história, por estarem diretamente ligadas a ela, por terem escutado de seus ancestrais, ou por realmente terem estudado sobre aquilo e terem tido algumas experiências com o local, descaso e coisas que estavam relacionadas ao tema da pesquisa. Alguns entrevistados chegaram a sugerir para que alguns monumentos fossem incluídos na pesquisa. E inúmeras vezes durante as entrevistas, em vez de encontrar as respostas, retornava para pesquisa com mais dúvidas e incógnitas que não se encaixavam.

Muitas vezes foi preciso selecionar os tópicos mais importantes, pois havia mais de 50 pessoas ligadas diretamente ou indiretamente na produção da pesquisa. As selecionadas foram aquelas que foram “filtradas” por se enquadrarem nos tópicos mais importantes do conteúdo para o livro.

Com isso é preciso encontrar o que há de mais relevante nas falas, é preciso diferenciar o que será usado, sem ter apego ao texto, é preciso excluir tudo que não é útil, filtrar só o necessário para não perder tempo e utilizar as falas mais importantes. E BLOCH (1997) afirma “Das eras que nos precederam, só poderíamos [portanto] falar segundo testemunhas”.

São as fontes, as testemunhas que completaram a pesquisa com o seu conhecimento “É o caso, em sua quase totalidade, da imensa massa de testemunhos não-escritos, e até de um bom número de escritos” (BLOCH. 1997. p. 67).

As entrevistas que narraram alguns capítulos e criaram uma nova prova sobre as existências de cada monumento que se encontrava perdido. Portanto, as narrativas dos entrevistados nessa pesquisa, colaboram para afirmação de contextualizações que foram perdidas; são os testemunhos não escritos que reafirmam a existência de algo sem documentos.

3.2 Produção dos Conteúdos

A etapa de produção foi a de execução de todo planejamento realizado na pré-produção. No decorrer das entrevistas muitas ideias surgiram durante as narrativas das fontes, pois foram apresentados conteúdos que poderiam ser transformados em conteúdos explicativos. Como exemplo, a criação do mapa do livro, surgiu na primeira entrevista realizada com Antônio Jacinto que comentou sobre o seu conhecimento do antigo trecho da estrada real que interligava Ouro Preto a Mariana e que não havia sido mapeado ainda.

Foi realizada também a decupagem de todos os acontecimentos narrados nas entrevistas e catalogados, diferenciados com temas e frases que resumiam o conteúdo, através de trechos mais importantes que poderiam ser usados nos finais dos capítulos, frases mais marcantes e as palavras citadas pelas fontes selecionadas utilizadas nas produções de diagramações do livro, na capa que antecede cada capítulo.

Nesse processo de conhecimento, o espaço tem um papel privilegiado, na medida em que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre o passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam. Desde que um enfoque particular se proponha com uma visão contextual, deve ser possível, através da soma de estudos setoriais, recuperar a totalidade (SANTOS. 2011. p. 59).

A partir do momento que foi finalizada a decupagem e iniciada a escrita, não tinha dimensão do tamanho dos relatos e do conteúdo, pois estes eram grandes e preciosos. A dificuldade em excluir alguns trechos do texto, fez parte do processo de seleção de conteúdos mais importantes, mas é certo que não é tudo que poderá ser excluído, pois:

É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado (HALBWACHS. 2011. p. 70).

Além disso, na parte da produção das fotografias o planejado foi de acordo com a demanda que tinha que ser cumprida para concluir as etapas. Foi possível ter o auxílio das fontes também com algumas fotografias que foram cedidas pelos entrevistados. Um acontecimento marcante foi quando uma fonte forneceu um CD com muitas fotos antigas de Mariana.

Porém, nem isso poderia ser admitido previamente. [Pois] certos atos foram fabricados com o único fim de repetir as disposições de peças perfeitamente autênticas que haviam sido perdidas. [Excepcionalmente, uma falsificação pode dizer a verdade (BLOCH. 1997. p. 91).

Mesmo que foi apresentado algum desconhecimento com sua própria história, a intenção de ajudar e aprender sobre o que se desconhece permitiu que a fonte auxiliasse com dados para a pesquisa, pensando em contribuir de alguma forma para história da sua cidade, como cita SANTOS (2011) “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”, mas não se sabe como mudar isso, é preciso algo para estimular a mudança, como a produção desse livro.

Assim com os deslocamentos espaciais, foi possível obter ideias criativas, que complementavam a apuração, contribuindo para o fomento e sustento dos argumentos que se projetavam nas entrevistas, com os depoimentos de cada fonte que concederam o seu depoimento.

3.3 Documentos e autorizações

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daquelas que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça. (BLOCH. 1997. p. 49).

Os documentos geralmente fazem parte de processos burocráticos e demorados, na pesquisa não foi diferente. Foi preciso tempo para ter acesso a alguns lugares como exemplo, para fotografar o interior da Igreja do Santana, a primeira Urna de Eleição, o interior da Capela de Santo Antônio e outros.

A espera para ter acesso a esses lugares foi dentro do esperado e não interferiu de forma negativa por já ter agido antecipadamente quanto aos prazos. O ponto positivo foi pelo fato de as pessoas já estarem sabendo sobre o tema da pesquisa e colaborarem com as informações, visitas e conteúdos úteis para a produção do livro.

Será assim pelo menos até que, renunciando a se entregar às suas próprias tragédias com essa disposição, as sociedades consintam enfim a organizar racionalmente, com sua memória, o conhecimento de si mesmas. Só conseguirão isso lutando corpo-a-corpo com os dois principais responsáveis pelo esquecimento e pela ignorância: a negligência, que extravia os documentos; e [, mais perigosa ainda,] a paixão pelo sigilo – sigilo diplomático, sigilo dos negócios, sigilo das famílias que os esconde ou destrói (BLOCH. 1997. p. 80).

Não foi possível acessar alguns documentos devido às autorizações que não foram concedidas. Suspeita-se que algumas pessoas detém o domínio de documentos que estes permanecem em sigilo e inacessíveis.

4 PROJETO GRÁFICO

O designer do livro foi desenvolvido com o objetivo de misturar um contexto antigo com o moderno, fazendo a menção do passado com o presente. O Projeto Gráfico foi pensado em transmitir clareza em seu design. Com imagens vetoriais que se completam e se relacionam, sempre com traços clássicos que possuem mais curvas e detalhes se unindo aos traços mais simples que remetem a estrutura da modernidade.

BLOCH (1997) conceitua que “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”. A partir desse conceito foi construído o design do livro, demonstrando a época que se vive atualmente, mas sem deixar de demonstrar a existência de um passado que inclusive se encontra em todo conteúdo do livro.

4.1 Produção da Capa

A capa passou por vários testes que foram falhos no início da sua construção. Foi difícil pensar nos elementos que iriam compor a capa e seus respectivos significados, para não ser uma capa simples, comum, somente com um título e um fundo colorido. Depois de um mês de planejando, surgiu a ideia de misturar também artes que representassem o contexto do antigo com o atual.

A foto de um dos monumentos que está no livro, o Gogô, foi escolhida para representar a atualidade, sugerindo em sua imagem que ao adentrar-se na leitura do livro será possível conhecer os mistérios existentes em Mariana. O antigo foi representado por letras cursivas antigas se misturando na foto, nas cores verdes, amarelo, preto e com o dourado.

A fonte utilizada no título frontal foi *Harrington*, na lateral e na contracapa foi utilizada *Juice ITC*. O objetivo foi inserir fontes clássicas com serifas para fazer menção ao contexto que seria abordado no livro.

4.2 Produção do contexto

Cada início e fim de capítulo é representado por algum ícone que incrementa o livro. As escolhas realizadas para iniciarem um capítulo foram o jogo de palavras cruzadas que se intercalam com as cores verde, amarelo, marrom e preto. Foi utilizado 3 fontes diferentes, que são: *Harrington*, *Juice ITC* e *Maiandra GD*. Todas as palavras foram retiradas das falas dos entrevistados e tem a intenção de serem associadas ao contexto do capítulo.

Cada início de capítulo é composto por uma pena preta, e em cada quadro que se inicia o quadro de “entrevista com” ou “para pensar com...”, é utilizada uma pena na cor marrom, para diferenciar uma da outra e demonstrar que ali se inicia um conteúdo.

Os quadros de “entrevistas com” e “para pensar com”, variam com a apresentação de três artes diferentes, que seguem a numeração de 1,2 e 3 se alterando. Da mesma forma que acontece com o final de cada capítulo em que as artes se alternam 1,2 e 3.

O contorno das fotos e documentos foram marcados por uma arte que remete ao passado. Além disso, as fotos também são marcadas pelo ícone dourado que possui um número para cada foto que guiará o leitor para o índice. O índice será destacável e as descrições das imagens poderão ser encontradas e acompanhadas por ele, que será dobrável, tornando-se um marcador de texto com as informações das imagens. O mapa estará depois do meio do livro e poderá ser totalmente aberto na horizontal para sua visualização completa e interação com o livro.

5 APRENDIZADOS

Ao questionar sobre o que importa a idade dos objetos aqui estudados ou a sua importância? Creio que os dois se complementam, pois estes não poderiam ser valorizados se não possuíssem a idade que têm, ou seja, eles se complementam, em um conjunto de valores em que se pôde ser registrado e compartilhado no resultado final desse produto.

O mais importante em ter realizado esse trabalho foi aprender a lidar com a teoria e prática, em que muito foi pensado em qual seria o formato do livro. E HALBWACHS (1990) confirma que “Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo”.

Este produto representa a reunião dos aprendizados ao longo do curso de Jornalismo da UFOP, especialmente nos de fotografia, design, ilustração, criatividade, imaginação e insere tudo isso em um produto que será a sua marca. É possível entender o que é aprendizado. Como no caso das apurações e pesquisas, o que muitas vezes foram temas de debates em sala de aula, a experiência na prática da produção desse livro trouxe à tona todas as recomendações daquelas aulas.

Se a condição necessária, para que haja memória, é que o sujeito que se lembra, indivíduo ou grupo, tenha o sentimento de que busca em suas lembranças num movimento contínuo, como a história seria uma memória, uma vez que há uma solução de continuidade entre a sociedade que lê essa história, e os grupos testemunhas ou autores, outrora, dos fatos que ali são narrados? (HALBWACHS. 1990. p. 80).

Cada conhecimento obtido durante o curso foi colocado em prática no livro. E o mais desafiador foi tirar as ideias do papel, pensar em algo e colocar em prática, muitas vezes isso deu certo e em outras o resultado foi diferente do imaginado, mas isso é o aprendizado e a experiência.

“Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes do passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança.” (HALBWACHS. 1990. p. 79).

A importância BLOCH (1997) narra, que “Do mesmo modo, há muito tempo estamos alertados no sentido de não aceitar cegamente todos os testemunhos históricos”. Impulsionou a criação desse livro e suas investigações, pois se já estivesse satisfeita com os contextos históricos que sempre havia escutado sobre a cidade de Mariana, não teria dado continuidade a essa pesquisa, porque BLOCH (1997) ainda afirma “A maioria dos escritos assinados com um nome suposto mente com certeza também pelo conteúdo”.

Portanto o questionamento sempre fez parte do resultado desse trabalho que possibilitou criar mais um complemento para história da cidade e seus monumentos que nele existem com idade igual ou superior a 300 anos. E além de tudo, mesmo que se tenha falado do passado BLOCH (1997) nos lembra de que “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”. E que desse livro não fique só as palavras, mas o conhecimento nelas transmitidos possa gerar a curiosidade de aprender mais sobre a história de Mariana.

6 REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício de Historiador. Digital Source/ Rio de Janeiro. 1997. 153 p.

CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Editora Vozes: Petrópolis – RJ. 1990. 176 p.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Editora Estação Liberdade. 2006. 282p

CRUVIELL, Eduardo Henrique de Paula. Monumentos, Memória e Cidade: estudo de Caso em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FONSECA, Claudia Damasceno. Mariana: Gênese e transformação de uma paisagem cultural. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Belo Horizonte, 1995.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva: Tradução: La meoire collective (2ª ed.). Edições Vértice/ São Paulo, 1990. 189 p.

HUNTER, Mark Lee, et al. As investigações a partir de histórias: Um manual para jornalistas investigativos. Uruguay: Unesco, 2003. 89p.

LAGO, Cláudia; MACHADO, Márcia Benetti (orgs.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis – RJ: Vozes. 2007.

LE GOFF, Jacques. História e Memória/ Jacques Le Goff: tradução Bernardo Leitão [et al] – Campinas, SP. Editora da UNICAMP. 476 p. 1970.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo. Editora Ática S. A. 1986.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões: organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011 (Coleção O pensamento político brasileiro; v.3) 226 p.

THOMPSON. John. O conceito de cultura. Editora Vozes, Petrópolis – RJ. 1990.